

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL

CURSO DE CINEMA E VÍDEO

LEONARDOMARMOLEJO DE LUCA

**Como criar personagens muito loucos: uma junção entre os
manuais de roteiro e psiquiatria**

Niterói

2016

Leonardo Marmolejo de Luca

Como criar personagens muito loucos: uma junção entre os manuais de roteiro e psiquiatria

Monografia apresentada por Leonardo Marmolejo de Luca matrícula 312057057 como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense.

Professor orientador: Dr. Antônio Carlos Amâncio

Agradecimentos

Agradeço à todas as pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho, aos meus pais, pelo apoio incondicional e à minha amiga Fernanda Florentino, que juntos formamos uma dupla “maluco beleza”.

Resumo

Este projeto de monografia tem o intuito de ajudar roteiristas na confecção de personagens e histórias apoiando-se em conhecimentos médicos psiquiátricos, tentando estabelecer relações entre o manual de roteiro e o de psiquiatria, principalmente focando

na descrição dos transtornos mentais e a caracterização nas narrativas. Consta, aqui, um relato da história conjunta do cinema e a prática psiquiátrica, seguido de descrições de quadros psiquiátricos, com marcações referidas a uma tabela de criação para roteiros. Logo, são apresentados os estudos já existentes sobre essa junção didática e discutem-se filmes que dialoguem com a temática. Por fim, é analisada a utilização dos transtornos psiquiátricos em diferentes gêneros de filmes.

Palavras chaves:Manual; psiquiatria; roteiro, loucura; cinema; personagem

Abstrat:

This monograph project has the intention to help scriptwriters on the construction of characters and stories, relying on psychiatric knowledge, trying to establish a connection between the scriptwriting and the psychiatry manuals, mainly focusing on the mental disorders and narrative characterization's description. Here it's included a report about the movies's and psychiatric-practice's joint history, followed by some

psychiatric disorders's description, with markings referred to a scriptwriting creation's table. Ergo, it will be presented the already existing studies about this didactic junction and it will be discussed movies that have a connection with that theme. For last, we will analyze the use on different movie gendersof psychiatric disorders.

Keywords: manual; psychiatry; script; madness; movies; character

Sumário:	página
Introdução _____	1
Capítulo 1	
1. Criando personagens com manuais de roteiro _____	2
Capítulo 2	
2.1. Loucura, cinema e o manual de psiquiatria _____	4

2.2. Manual de psiquiatria _____	8
2.2.1 Tabela de Criação _____	8
2.2.1.1 Transtornos de Ansiedade _____	9
2.2.2 Transtornos Psicóticos _____	10
2.2.3 Transtornos de Personalidade _____	11
Capítulo 3	
3.1. Trabalhando com os dois manuais _____	12
3.2. Psiquiatria nos filmes _____	18
3.3. Gêneros e a Psiquiatria _____	28
Conclusão _____	31
Bibliografia _____	32

FIGURAS E TABELAS página

Figura 1: Descargas elétricas no rosto de um paciente psiquiátrico. _____	4
Figura 2: Histérica em posição conversiva. _____	5
Figura 3: Letargia e Catalepsia. _____	6
Figura 4: Cinema e Loucura _____	17
Figura 5: imagem-capa da série americana Homeland _____	25

Figura6: A ilusão da protagonista Mima, em “Perfect Blue”, após sofrer um corte na região do ventre. _____	26
Figura 7: O mistérios das duas irmãs (The Uninvited) _____	27
Figura 8: Compulsãode Ordem em “Monk” _____	29
Tabela 01:Ideias para confecção de estórias& cores, baseado no Compendio de Psiquiatria_____	9
Tabela 2: Fobia Social_____	9
Tabela 3: Transtorno Delirante_____	10
Tabela 4:Transtorno de Personalidade Esquizotípica_____	11

Introdução

Inicialmente, eu tinha a intenção de criticar o manual de psiquiatria por ditar comportamentos e dar rumo à vida das pessoas, ao mesmo tempo em que eu aproveitaria para trabalhar uma temática que ainda não fora desenvolvida. Porém, com um maior entendimento descobri que o manual realmente tem uma boa fundamentação, apesar das várias críticas de psicólogos e psicanalistas quanto à simplificação dada.

Em seguida iniciei a parte da pesquisa, que incluía ler diferentes manuais de roteiro e vi que alguns roteiristas discordavam nas suas opiniões quanto à formação de personagens; e só uma roteirista dos quatro livros lidos falava de uma maneira um pouco falaciosa, do tema. O estudo manteve-se sóbrio até o momento em que foi necessário buscar a história da loucura e dos pacientes psiquiátricos. Os relatos dos diferentes tratamentos/torturas dados a essas pessoas - que já são, originalmente, sofredoras - começaram a despertar uma certa tristeza em mim, fora o fato de que, na minha opinião, o tema da loucura já é algo repelente por si só. Apesar disso procurei chamar atenção para o que, no meu ver, era a capacidade criativa e didática da utilização desse manual clínico em exercícios de roteiro. Existem muitos livros que analisam psiquiatricamente personagens emblemáticos, mas não achei nenhum que propusesse usar da psiquiatria para criá-los. Já se sabe também que existem alguns padrões de personalidade e de papéis estabelecidos nas histórias que ajudam a dar um norte à narrativa, como os arquétipos e a astrologia; porém, o quanto se está evidenciado que o manual de psiquiatria também oferece caracterização para desenvolvimento de personagens? É isto que este trabalho propõe analisar.

O primeiro capítulo discorre sobre as diferentes técnicas de criação de personagens nos manuais analisados, enquanto o segundo faz uma breve apresentação da correlação da loucura com o cinema, além de conter uma tabela de criação roteirística e três de diferentes transtornos psiquiátricos. Por fim, no terceiro capítulo, discuto qual a possível ligação que os dois capítulos possam ter e analiso filmes e gêneros fílmicos que abordam essas questões psiquiátricas.

Capítulo 1

1. Criando personagens com manuais de roteiro.

Existem muitos manuais de roteiro disponíveis que ajudam na criação da “persona” numa trama. Na verdade, o primeiro – datado- deles foi criado há muitos séculos atrás, por Aristóteles: A Poética. Quando o cinema é criado, no século XX, iniciam-se trabalhos para auxiliar escritores a desenvolver tramas para a telona. Um deles, “Story : substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro” foi escrito em 2006 por Robert Mckee , um roteirista de grande prestígio na área.

Segundo Mckee (2006),o que define um personagem não são as características físicas, nem mesmo aspectos psicológicos, mas sim as decisões que ele toma em momentos críticos. O resto é caracterização, da qual temos de fugir.

Já outros estudiosos como Syd Field (FIELD, 2002) e Doc Comparato (COMPARATO, 1983) acreditam na importância da formação de várias características. Comparato inclusive divide em três categorias a estruturação do personagem:

“São 3 os fatores que consideramos na construção de um personagem:

- *Físico: idade, peso, altura, aparência, cor do cabelo, cor da pele etc.*
- *Social: classe social, religião, família, origem, trabalho, nível cultural etc.*
- *Psicológico: ambições, desejos, frustrações, sexualidade, distúrbios, sensibilidade, percepções etc.” (COMPARATO, Luís.,2006)*

Linda Seger,(SEGER, 2006) consultora de roteiros, ainda afirma que o autor é um colecionador dos tipos humanos. Para ela, andar pelo Fórum, passear na rua, ir à cafeteria ou aos bares da alta burguesia, por exemplo, ajuda a conhecer as diferentes personalidades existentes, para assim formar indivíduos.

Em seu livro “Como criar personagens inesquecíveis”, ela explora o terreno da psicologia num capítulo chamado “De que forma as diferenças de personalidade criam a personagem”. Linda menciona a classificação de Jung em seis tipos de personalidade: introvertido, extrovertido, sensitivo, reflexivo, sentimental e intuitivo.

De acordo com Jung, as pessoas sensitivas experimentam a vida através dos sentidos, buscando mais os prazeres terrenos. Já os reflexivos são o contrário: pensam muito antes de tomarem decisões e refletem sobre o problema, sendo muito lógicas e metódicas. O sentimental é muito emotivo e tem em pauta o relacionamento harmonioso com as outras pessoas e o indivíduo intuitivo é o visionário, com os olhos voltados para o futuro.

Não obstante, Linda (Seger,2006) diz que:

“ Uma boa compreensão desses tipos de personalidade pode ser útil para criar personagens que não se pareçam umas com as outras e não ajam sempre de forma semelhante. Também pode servir para criar relacionamentos dinâmicos entre as personagens.”

Ela defende a idéia de que pessoas com personalidades opostas podem entrar num grande conflito ou então idolatram os indivíduos que incorporam suas características menos dominantes, citando o escritor Dennis Lynds:

“Não resta dúvida de que a pessoa que se torna um escritor já tem um interesse natural pelo perfil psicológico e sociológico das personagens. Da mesma forma que um pintor não será um bom pintor se não tiver o menor interesse pelas cores, nós, os escritores, também devemos nos interessar, e muito, pela psicologia.”

Essas técnicas mencionadas acima são apenas maneiras para se guiar no momento em que alguém se encontra com dificuldades para elaborar uma narrativa. Os manuais de roteiro trabalham sobre os pontos específicos de uma estória (estrutura, gênero fílmico, clímax, etc [ou, no caso analisado, personagem]) para que possa surgir a ideia geral. Porém, segundo David Mammet , outro roteirista de renome, caso isso já se tenha em mente, pode-se optar por seguir sem utilizar desses manuais, pois a narrativa é o que é de maior importância nos filmes.

Capítulo 2

2.1. Loucura, Cinema e o manual de psiquiatria.

Os primeiros trabalhos conjuntos da fotografia e da psiquiatria datam dos estudos de fisiognomia. Esta é uma teoria que foi elevada ao grau de ciência na época de Darwin, no século XIX. De acordo com ela, pode-se dar características às pessoas graças a aspectos físicos que estas teriam. Cesare Lombroso (1835-1909), considerado como pai da criminologia moderna, foi um grande expoente dessa pseudo-ciência. Segundo ele, podia-se reconhecer quem seria propenso à criminalidade, louco e/ou prostituta pelos traços dos rostos, por exemplo.



figura 1: Descargas elétricas no rosto de um paciente psiquiátrico.¹

Em seguida, ocorrem experimentos com histéricos por parte do psiquiatra francês Jean-Martin Charcot (1825 – 1893). Rafael Alves Pinto Junior, doutorando em história pela Universidade Federal de Goiás, o autor do livro “A invenção da histeria: Charcot e a

¹Aqui vemos um exemplo de experimento com descargas elétricas em um paciente psiquiátrico, comando do pelo médico francês Guillaume-Benjamin-Amand Duchenne. Esse mesmo rosto também está presente no livro de Darwin “A expressão das emoções no homem e nos animais” (acesso em 2016), como exemplo, na parte que estuda as contrações diferenciadas de músculos do rosto de uma pessoa com transtornos mentais, comparadas às de pessoas sãs.

http://test.darwinonline.org.uk/converted/published/1890_Expression_F1146/1890_Expression_F1146.html

iconografia fotográfica de la Salpêtrière” defende que o antigo quadro clínico foi criado juntamente à fotografia, pois esta fez possível o entendimento da histeria como conceito médico válido (PINTO,2009).

Tal afirmação é plausível, visto que os histéricos costumavam ter contrações físicas que fugiam da normalidade, podendo estas somatizações serem captadas pela fotografia.

Esses pacientes eram, inclusive, hipnotizados para apresentarem os seus sintomas de rigidez corporal na frente de câmeras da época, que captavam melhor imagens estáticas. (Figura 2 e 3).



Figura 2: Histérica em posição conversiva.



Figura 3: Letargia e Catalepsia.

Desde quando a fotografia evoluiu para cinema e este começou a narrar histórias, tivemos muitas produções que tratavam sobre o tema da loucura, como explica Robert Mckee (Mckee, 2006), ao falar sobre o sub-gênero fílmico do psicodrama (1):

“O Psicodrama

A insanidade clínica foi dramatizada pela primeira vez em O GABINETE DO DR. CALIGARI (Alemanha/1920), filme do UFA. Quando a psicanálise cresceu em reputação, o Psicodrama desenvolveu-se como um tipo de história de detetive freudiana. Em seu primeiro estágio, um psiquiatra fazia o papel de "detetive" para investigar um "crime" escondido, um trauma profundamente reprimido que seu paciente sofreu no passado. Uma vez que esse psiquiatra expunha esse "crime", a vítima ou recuperava a sanidade ou dava um grande passo para isso: SYBIL, NA COVA DA SERPENTE, AS TRÊS MÁSCARAS DE EVA, NUNCA LHE PROMETI UM JARDIM DE ROSAS, A MARCA, DAVID AND LISA, EQUUS.”

(MCKEE 2006)

O primeiro filme que retratava a loucura tinha um forte aspecto expressionista, que buscava refletir o interior do artista (no caso, a visão do diretor) com um cenário constituído de paredes com ângulos confusos, maquiagem escura e pesada e uma fotografia sinistra.

“Porém, quando o assassino serial começou a amaldiçoar os pesadelos da sociedade, a evolução do gênero levou o Psicodrama a seu segundo estágio, juntando-o aos filmes de Detetive em um subgênero conhecido como Thriller Psicológico. Nesses filmes, os policiais viram psiquiatras leigos para caçar os psicopatas, e a apreensão vira-se para a análise psicológica do louco a partir do detetive: O PRIMEIRO PECADO MORTAL, DRAGÃO VERMELHO, UM POLICIAL ACIMA DA LEI e, recentemente, SEVEN - OS SETE CRIMES CAPITAIS.

Nos anos 1980, o Thriller Psicológico evoluiu uma terceira vez. Em filmes como UM AGENTE NA CORDA BAMBA, MAQUINA MORTÍFERA, CORAÇÃO SATÂNICO e A MANHÃ SEGUINTE, o próprio detetive transforma-se em um psicopata, sofrendo de uma grande variedade de doenças modernas – obsessão sexual, impulso suicida, amnésia traumática, alcoolismo. Nesses filmes a chave para a justiça tornou-se a análise psicológica do policial por si mesmo. Uma vez que o detetive chegasse a um acordo com seus demônios internos, deter o criminoso é quase um epílogo.

A evolução foi uma clara afirmação das mudanças em nossa sociedade. Já se foram os dias em que podíamos ficar confortáveis com a noção de que todos os loucos estavam trancafiados, enquanto nós, pessoas sãs, estávamos seguros fora das paredes do sanatório. Poucos são tão ingênuos hoje. Sabemos que, dada certa conjuntura de eventos, nós também podemos fazer parte dessa realidade. Esses Thrillers Psicológicos falavam para essa ameaça, para que nos déssemos conta de que a tarefa mais difícil de nossas vidas é a autoanálise, quando tentamos compreender nossa humanidade e trazer paz para as guerras que ocorrem dentro de nós.”

(MCKEE, 2006)

Vale salientar que não existe uma data fixa para o fim das instituições manicomiais, até por que elas ainda existem. Porém, com o tempo foram modificando-se os tratamentos e tentando-se incluir o “louco” mais à sociedade, com projetos de caráter social e cultural, que incluíam cooperativas de trabalho, ateliês de arte, centro de cultura e lazer, oficinas de geração de renda, residências assistidas, entre outros. Tudo isso foi muito influenciado pelos trabalhos de Franco Basaglia, que serviram de inspiração para a lei 180, aprovada na Itália, em 1978, conhecida como “Lei Basaglia”. Ainda no tema da loucura no cinema:

“ Em 1990, o gênero alcançou seu quarto estágio ao deslocar o psicopata novamente, agora fazendo dele cônjuge, psiquiatra, cirurgião, filho, babá, companheiro de quarto, guarda da vizinhança. Esses filmes desenvolvem (sic) a paranoia coletiva, quando descobrimos que as pessoas de quem somos íntimos, as pessoas em quem confiamos, aqueles que esperamos que nos protegessem, são, na verdade, maníacos: A MÃO QUE BALANÇA O BERÇO, DORMINDO COM O INIMIGO, ENTRADA FORÇADA, GEMIDOS DE PRAZER, MULHER SOLTEIRA

PROCURA e O ANJO MALVADO. O mais impressionante de todos esses talvez seja GÊMEOS – MÓRBIDA SEMELHANÇA, um filme sobre o medo supremo: o medo da pessoa mais próxima de você – você mesmo. Que filme de terror vai escalar o seu subconsciente para roubar sua sanidade? ” (MCKEE, 2006).

Em 1994 foi reelaborado o DSM (Manual estatístico e diagnóstico de saúde mental) para sua quarta versão, que divide, ainda no sumário, os diferentes tipos de transtornos. Sim: até a loucura é dividida em grupos. Para efeitos de exemplo, mostraremos três grupos de transtorno, seguido de seus subgrupos e descreveremos três destes, relacionando-os à uma tabela em cores.

2.2. Manual de psiquiatria

2.2.1. Tabela de criação

Veja, na tabela 1 a seguir, algumas sugestões principais para a confecção de estórias, extraídas das descrições dadas pelo DSM-IV²:

Tabela 01: Idéias para confecção de estórias x cores das letras baseado no compêndio de Psiquiatria

Conflito
Caracterização
Potencialidade para brincar de confundir o espectador com noções do que é real e o que é irreal
Padrão de diálogos
Suspense para a história
Figurino

2.2.1. Transtornos de ansiedade

²Algumas frases do manual estão com mais de uma cor, significando mais de uma possibilidade criativa principal.

Fobia social, transtorno de pânico, transtornos obsessivo compulsivo, agorafobia sem história de Pânico, fobia específica, transtorno de estresse pós-traumático, transtorno de estresse agudo e transtorno de ansiedade generalizada.

Tabela 02: Fobia Social

“Critérios de Diagnóstico do DSM-IV para Fobia Social

Tabela 02

Medo acentuado e persistente de uma ou mais situações sociais ou de desempenho, onde o indivíduo é exposto a pessoas estranhas ou ao possível escrutínio por outras pessoas. O indivíduo teme agir de um modo (ou mostrar sintomas de ansiedade) que lhe seja humilhante e embaraçoso. Nota: Em crianças, deve haver evidências de capacidade para relacionamentos sociais adequados à idade com pessoas que lhe são familiares e a ansiedade deve ocorrer em contextos que envolvam seus pares, não apenas em interações com adultos

.B. A exposição à situação social temida quase que invariavelmente provoca ansiedade, que pode assumir a forma de um Ataque de Pânico ligado à situação ou predisposto por situação. Nota: Em crianças, a ansiedade pode ser expressa por choro, ataques de raiva, imobilidade ou afastamento de situações sociais com pessoas estranhas.

C. A pessoa reconhece que o medo é excessivo ou irracional. **Obs:** Em crianças, esta característica pode estar ausente.

D. As situações sociais e de desempenho temidas são evitadas ou suportadas com intensa ansiedade ou sofrimento.

E. A esquiva, antecipação ansiosa ou sofrimento na situação social ou de desempenho temida interferem significativamente na rotina, funcionamento ocupacional (acadêmico), atividades sociais ou relacionamentos do indivíduo, ou existe sofrimento acentuado por ter fobia.

F. Em indivíduos com menos de 18 anos, a duração é de no mínimo 6 meses.

G. O temor ou esquiva não se deve aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (por ex., uma droga de abuso, um medicamento) ou uma condição médica geral e nem é explicado por um outro transtorno mental (por ex., Transtorno de Pânico Com ou Sem Agorafobia, Transtorno de Ansiedade de Separação, Transtorno do Corpo Dismórfico, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento ou Transtorno da Personalidade Esquizóide).

H. Em presença de uma condição médica geral ou outro transtorno mental está presente, o temor no critério A não tem relação com estes; por ex., o medo não diz respeito à Tartamudez, tremor na doença de Parkinson ou apresentação de um comportamento alimentar anormal na Anorexia Nervosa ou Bulimia Nervosa.

Especificar se:

Generalizada: se temores incluem a maioria das situações sociais (considerar também o diagnóstico adicional de Transtorno de Personalidade Esquiva).”

2.2.2. Transtornos psicóticos

Esquizofrenia, transtorno delirante, transtorno psicótico induzido e transtorno psicótico breve.

Tabela 03: Transtorno Delirante

TABELA 8-1

Critérios Diagnósticos do DSM-IV para Transtorno Delirante

A. Delírios não bizarros (isto é, envolvendo situações que ocorrem na vida real, tais como ser seguido, envenenado, infectado, amado à distância, traído por cônjuge ou parceiro romântico, ou ter uma doença) com duração mínima de 1 mês.

B. O critério A para Esquizofrenia jamais foi satisfeito. Obs: alucinações táteis e olfativas podem apresentar-se no Transtorno Delirante, se estão relacionadas ao tema dos delírios.

C. Exceto pelo impacto dos delírios ou de suas ramificações, o funcionamento não está acentuadamente prejudicado e o comportamento não é obviamente estranho ou bizarro.

D. Se os episódios de humor ocorreram concomitantemente com os delírios, sua duração total foi breve, relativamente à duração dos períodos delirantes.

E. A perturbação não é devido aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (por ex., uma droga de abuso, um medicamento) ou uma condição médica geral.

Especificar tipo (os tipos seguintes são atribuídos com base no tema predominante do(s) delírio(s)):

Tipo Erotomaniaco: delírios de que outra pessoa, geralmente de situação maiselevada, está apaixonada pelo indivíduo.

Tipo Grandioso: delírios de grande valor, poder, conhecimento, identidade ou de relação especial com uma divindade ou pessoa famosa.

Tipo Ciumento: delírios de que o parceiro sexual do indivíduo é infiel.

Tipo Persecutório: delírios de que o indivíduo (ou alguém chegado a ele) está sendo, de algum modo, maldosamente tratado.

Tipo Somático: delírios que a pessoa tem algum defeito físico ou condição médica geral.

Tipo Misto: delírios característicos de mais de um dos tipos acima, sem predomínio de nenhum deles.

Tipo Inespecificado.

2.2.3. Transtornos de personalidade

Transtornos da personalidade paranoide, esquizoide, antissocial, limítrofe, histriônica, narcisista, dependente e obsessiva-compulsiva.

Tabela 04: Transtorno de Personalidade Esquizotípica

Critérios de Diagnóstico do DSM-IV para transtorno de Personalidade Esquizotípica

Um padrão invasivo de déficits sociais e interpessoais, marcado por desconforto agudo e reduzida capacidade para relacionamentos íntimos, além de distorções cognitivas ou perceptivas e comportamento excêntrico, que começa no início da idade adulta e está presente em uma variedade de contextos, como indicado por pelo menos cinco dos seguintes critérios:

- A. (1) idéias de referência (excluindo delírios de referência);
- (2) crenças bizarras ou pensamento mágico que influenciam o comportamento e são inconsistentes com as normas da sub-cultura do indivíduo (por ex. superstições, crenças em clarividência, telepatia ou “sexto sentido”; em crianças e adolescentes, fantasias e preocupações bizarras);
- (3) experiências perceptuais incomuns, incluindo ilusões somáticas;
- (4) pensamento e discurso bizarro (por ex., vagos circunstanciais, metafóricos, superelaborados ou estereotipado);
- (5)desconfiança ou ideação paranoide;
- (6) afeto inadequado ou constrito;
- (7) aparência ou comportamento esquisito, peculiar ou excêntrico;
- (8) não tem amigos íntimos ou confidentes, exceto parentes em primeiro grau;
- (9) ansiedade social excessiva que não diminui com a familiaridade e tende a estar associada com temores paranoides, ao invés de julgamentos negativos acerca de si próprio.

B. Não ocorre exclusivamente durante o curso de Esquizofrenia, um Transtorno do Humor com Aspectos Psicóticos, um outro Transtorno Psicótico ou um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento.

Nota: Se os critérios são satisfeitos do início de Esquizofrenia, acrescentar “Pré-Mórbido”, por ex., ‘Transtorno de Personalidade Esquizotípica (Pré-Mórbido)

Capítulo 3

3.1. Trabalhando com os dois manuais

A astrologia apresenta uma estrutura interessante para a criação de personagens. Nela acredita-se que pessoas de um signo apresentem certas características em comum. Taurinos são comilões, geminianos são sociáveis, capricornianos são trabalhadores e por aí vai. São dadas características suficientes para criar um estereótipo de um signo e iniciar-se um trabalho para criação de uma estória.

Os arquétipos dos mitos e contos de fada têm estabelecidos vários papéis que reconhecemos nos filmes, pois determinam personagens que constam numa jornada heróica. Os principais são: o herói (em si), o mentor, o guardião do limiar, o arauto, o camaleão, o sombra e o pícaro. O pícaro é uma figura cômica da estória, o herói geralmente é o personagem principal, o mentor é um sábio que ajuda o herói em sua jornada, o guardião do limiar é uma força antagonista menor do que o vilão principal, etc.

E se, nos filmes, o mentor muitas vezes pudesse ser representado por um psiquiatra ou psicólogo, e os guardiões dos limiares as próprias limitações internas do personagem?

Na verdade, a utilização dos transtornos mentais já foi levada em conta por Linda Seger, (SEGER, 2006) em seu livro “Como criar personagens inesquecíveis”. Linda tem um capítulo em seu livro intitulado “De que forma um comportamento psicótico define uma personagem”. Sublevando o erro de definir como psicótico todo transtorno mental (psicose remete-se apenas ao grupo mencionado anteriormente dos psicóticos, cujos enfermos possuem perda de contato com a realidade), pois o que ela queria dizer seria “psiquiátrico”, a autora discorre sobre algumas idéias para desenvolvimento de tramas, baseando-se em escritores como David Williamson. Segundo ela, David, que também é um mestrando em psicologia, acredita que utilizar-se dos transtornos para caracterizar os personagens é uma boa técnica, que ele emprega após criar inicialmente os personagens, fazendo-os ultrapassarem um pouco a linha da normalidade, gerando interesse e conflito no enredo.

E é disso que uma narrativa clássica necessita: de conflito. Além disso, em alguns transtornos pode-se obter informações inclusive de figurino, como foi visto no caso da esquizotipia. A criação de personagens com transtornos, ou pelo menos com características que se assemelhem a transtornos é de grande utilidade, já que alguns deles representam os extremos de aspectos nas personalidades normais. Nas pessoas não acometidas por problemas mentais, vemos uma harmonia maior nessas características, como ansiedade, humor, etc. Nos pacientes psiquiátricos, algumas emoções estão mais presentes do que outras, causando um desequilíbrio, o que nos leva a desejosos conflitos externos e internos.

Além disso, como afirma o escritor Diego Schutt em seu blog, criar falhas e defeitos nos personagens é uma boa maneira para humanizá-los e, conseqüentemente, causarem mais empatia nos espectadores. Ele diz que um personagem perfeito, sem nenhuma falha, não cria afinidade, já que não há espaço para mudanças de arco. Mesmo que os desejos do personagem possam ser muito diferentes dos de quem está assistindo-o na tela, as identificações podem vir em níveis mais subjetivos da vida.(SCHUTT, 2015)

Diego também afirma a importância de certa fraqueza no personagem para causar empatia. De acordo com ele, nós nos identificamos com pessoas em desvantagem ou mais fracas do que nós, pois já passamos por algumas situações paralelas. Mostrando a vulnerabilidade do protagonista, abrimos espaço para que os que o assistem torçam pela vitória dele. (SCHUTT, 2015)

Isso é congruente a algumas perguntas que Linda Seger propõe aos leitores de seu livro. Será que nós, como roteiristas, estaríamos criando personagens bons demais, exageradamente gentis ou muito normais, isto é, muito perfeitos? Existe algum traço de anormalidade em seus comportamentos? Como isso pode gerar conflito com os outros personagens?(SEGER,2006)

Outra de suas afirmações relevantes no tocante à criação de conflitos está nos embates entre transtornos que podem ser definidos como opostos a si. Ela diz que:

“O drama e o conflito podem surgir dos relacionamentos entre personagens desses tipos. Os paranoicos precisam de alguém para perseguí-los e se sentem ameaçados pela agressividade dos maníacos. Já o maníaco se sente frustrado com a falta de motivação do depressivo. O psicopata, por sua vez, não compreende os medos e as ansiedades do neurótico.”

Esse é um ponto interessante. Porém, ela comete um erro quando diz que:

“Temos ainda os sociopatas (pessoas anti-sociais) e os psicopatas (que também apresentam distúrbios mentais), tanto em filmes como nos jornais. Em geral eles são os vilões da história, os autores de “crimes hediondos”, pessoas sem padrões morais e que nada temem. São desleais, preocupam-se somente com sua auto-preservação e com vantagens pessoais, e não demonstram nenhum interesse pelos outros. Como antagonista, o sociopata ou psicopata é capaz de qualquer coisa para impedir as boas ações do protagonista.

As pessoas psicopatas jamais se transformam. Se você optar por este tipo de personagem, lembre-se de que ela não pode se transformar numa pessoa normal e equilibrada no filme.” (SEGER, 2006)

De fato, são raros os casos de psicopatia que têm um bom prognóstico, mas quando se trata de uma ficção, tudo é possível! No entanto, reconhece-se que é entre os perversos que se encontram a maioria dos vilões dos filmes, devido ao agrupamento dos dramáticos, emotivos e instáveis (transtorno de personalidade anti-social, borderline e narcisista). No entanto, é importante pensar no papel social que o cinema e o audiovisual tem na sociedade, tanto alertando contra perigos possíveis quanto criando estereótipos falaciosos, visto que muitos pacientes – mesmo desse grupo- com tratamento adequado, podem ter remissão total dos sintomas.

Ao falar que o personagem deve superar a caracterização, Mckee (MCKEE, 2006) diz que a vida nos ensina tal princípio: o que parece ser, não é. A pessoas não são o que parecem ser. Tal afirmação pode ser utilizada para mostrar como podemos nos enganar com as aparências. De uma maneira boa ou má. Um transtornado pode ser uma pessoa boa, que se sacrificaria pelo bem dos outros, mostrando-nos o tal “personagem” por cima da “caracterização”, da mesma maneira que uma dona de casa fofa pode ser uma cruel assassina (Mamãe é de Morte³, [1994]).

Não obstante, Sandro Massarani (antropólogo, historiador e ministrador de cursos de roteiro) possui uma opinião também quanto ao arco dos personagens – linha

³ “Mamãe é de Morte” é um filme de humor negro sobre uma dona de casa aparentemente doce e meiga, mas que esconde uma personalidade sádica. Ela perde as estribeiras quando mata um professor de seu filho Chip, depois daquele dizer-lhe que este poderia ter transtornos mentais. A partir daí, ela inicia uma onda de assassinatos por motivos cada vez mais supérfluos.

imaginária que traça a mudança de comportamento, visão de mundo e ideologia deles. Ele crê que as escolhas deles não devam ser vazias, mas modificadoras de seus eus interiores.

Podemos criar, inclusive, uma história de Redenção⁴ com o livro de psiquiatria e este conceito, no momento em que estabelecemos um personagem com um transtorno mental e na medida em que ele vai enxergando os motivos de seu transtorno causar tanto sofrimento para ele e/ou para os outros. Este pode ser, segundo a teoria dos arquétipos, o arauto – a primeira chamada à mudança, que muitas vezes podem ser as primeiras manifestações da sombra (antagonismo), além de representar a gota d’água , o evento que vai fazer com que o personagem tenha a vontade de mudar sua vida e, conseqüentemente, a estória. O contrário também é possível: o personagem pode vir de um estado aparentemente normal para o agravamento de um quadro psiquiátrico.

Complexificando mais ainda, não podemos esquecer que numa estória de luta psicológica, a sombra, representante do conflito na estória, pode ter um lado bom ou justificar algumas atitudes tomadas pelo personagem na narrativa.

Linda Seger (SEGER,2006) também utiliza-se de referências fílmicas para ilustrar sua teoria, porém novamente de maneira errada em:

‘ “Arthur Boo” Radley, do filme “O Sol nasce para todos”, pode ser uma personagem no limite da esquizofrenia, e Mason, em ‘O turista accidental’ pode ser considerado uma pessoa normal com algumas características esquizofrênicas, que apareceram por ocasião da morte de seu filho.”

Na verdade, no primeiro caso – para ser mais preciso- Arthur Boo poderia sofrer de Fobia Social enquanto Mason sofreu um caso de transtorno psicótico breve, não se enquadrando, porém, dentro do grupo de pessoas “normais”(sic). Não obstante, ela comete um grande erro ao classificar como neurótica obsessiva Alex, em “Atração Fatal”⁵ (1987), quando na verdade a amante inconsequente está mais para um caso de transtorno de personalidade limítrofe (borderline)⁶(LANDEIRA, CHENIAUX, 2010).

⁴História de Redenção, segundo Robert Mckee, é um gênero de filme conhecido pelos roteiristas por desenvolver transformação moral de um personagem, indo do mal para o bem.

⁵ “Atração Fatal” conta a estória de um homem casado que passa a ser internado por uma mulher com a qual ele havia tido relações extra-conjugais. Sua amante passa a cometer vários crimes e ameaça-lo constantemente.

⁶ Transtorno caracterizado por relacionamentos instáveis, uma grande impulsividade e instabilidade emocional.

Ainda no assunto criação de personagens, vemos como Hanibal Lecter (O Silêncio dos Inocentes [1991]) e Joy (Happiness [1998]) tem nomes que lhe cabem bem. Um, de maneira mais direta, lembra a palavra “canibal” (e ele faz jus a essa semelhança) e o outro, pela personagem, ironicamente, parecer deprimida, significa “felicidade”. Isso é uma boa estratégia de roteirização, segundo Doc Comparato, como ele também afirma no seu capítulo dedicado à construção de personagens:

“4º Batismo.

Aqui vamos batizar nosso protagonista. O nome é de enorme importância, posto que o nome revela: a classe social, o caráter, e forma a tipologia do personagem. Um nordestino subnutrido terá o nome de Ernestino dos Santos, mas, se por acaso a estória exigir, pode até mesmo ter um nome incomum à sua condição.”

Diego Schutt (SCHUTT, 2015) discorre, inclusive, sobre criação de uma história pregressa do personagem no filme, como técnica para desenvolvê-lo. Sua opinião em relação à ajuda que as doenças mentais podem fornecer á trama é bem clara em:

“Depressão, transtorno bipolar, esquizofrenia, transtornos de ansiedade, anorexia, bulimia, síndrome do pânico, stress, fobia social, insônia, hipocondria. A lista é enorme. Todas essas doenças psicológicas implicam em mudanças na estrutura mental, e modificam de forma significativa a vida de alguém e todos ao seu redor. Quais as origens internas e externas de tal doença? Como o personagem administra essa situação? Quais as possíveis formas de cura?”(SCHUTT, 2015.)

Quanto à Seger (SEGER, 2006), ela faz uma boa observação quando diz que caso alguém esteja querendo escrever um roteiro sobre um personagem que possua algum transtorno mental, essa pessoa terá que fazer uma pesquisa mais profunda sobre as especificidades dessas (des)ordens. O manual de psiquiatria é uma boa fonte caso se queira saber mais detalhes, porém existe um livro chamado “Cinema e Loucura” (LANDEIRA, CHENIAUX, 2010), que também é um ótimo guia, pois fala sobre os transtornos de uma maneira simples e rápida e dá exemplos de filmes em que estes possam estar presentes.

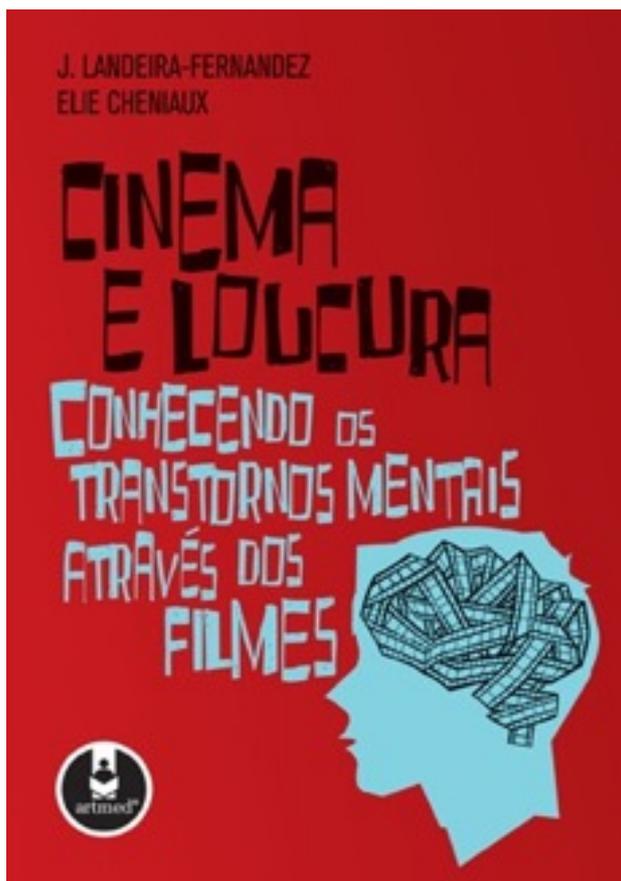


Figura 4: Cinema e Loucura

Lendo o manual de psiquiatria, também vemos que o prognóstico⁷ nos dá uma idéia de como as nossas histórias poderiam acabar; e as formas de tratamento psicoterápico e etiologia⁸ abrem espaço para a criação de uma jornada para tentar descobrir de onde e por quê vêm os sintomas, além de ajudarem a estabelecer os motivos do desenvolvimento do transtorno, útil na fundamentação do personagem.

Por fim percebe-se que os quadros que mais ajudam na caracterização estão entre o grupo dos transtornos de personalidade, devido ao fato de afetarem mais profundamente a “personalidade” em si do indivíduo, como indicado no manual de psiquiatria:

⁷ Curso e evolução do distúrbio na vida de um indivíduo.

⁸ Origem e causa da patologia.

“Definição. Padrões mal-adaptativos, globais e persistentes de comportamento profundamente arraigados, não-atribuíveis a transtornos do Eixo I, transtornos do do Eixo III ou dificuldades relativas ao papel cultural. Transtornos de traço, em vez de estado.”⁹

3.2. Psiquiatria nos filmes

A utilização do manual de psiquiatria já parece ser amplamente utilizada por muitos roteiristas. Um dos mais proeminentes e exemplo de cineasta que parece criar seus personagens com ajuda desse livro é Woody Allen. Como exemplo, eis como a sua filmografia se relaciona com a psiquiatria, ao incluir personagens secundários ou principais que fogem à normalidade nas suas tramas:

- Blue Jasmine – transtorno de personalidade limítrofe



- Noivo Neurótico, noiva nervosa – distímia e transtorno de ansiedade generalizada



maconha para relaxar. Ela se interessa por Alvy, mas fica tão atrapalhada com isso

⁹ Eixo I é o dos neuróticos e o III dos psicóticos.

que não sabe o que dizer. Mesmo assim, fala sem parar. Além disso, Annie também nos dá uma dica de seu quadro, ao dizer que toma um Valium, um tranquilizante.

- O Sonho de Cassandra – jogo patológico (transtorno do controle dos impulsos)



- Igual a tudo na vida – transtorno de personalidade limítrofe e transtorno de personalidade dependente



- Dirigindo no Escuro – transtorno conversivo



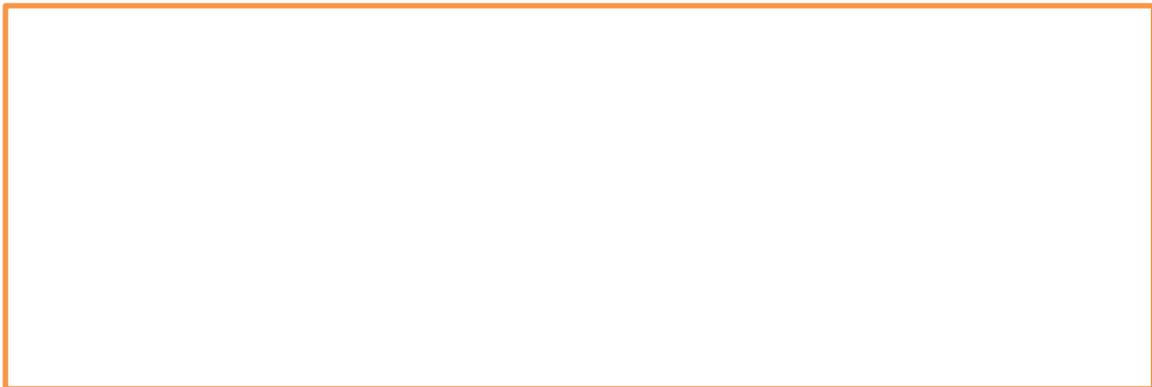
- Tudo o que você sempre quis saber sobre sexo, mas tinha medo de perguntar – parafilia



- Hannah e suas irmãs – hipocondria



- Interiores – transtorno depressivo maior



- Tiros na Broadway – transtorno de compulsão alimentar periódica¹⁰e transtorno de personalidade narcisista

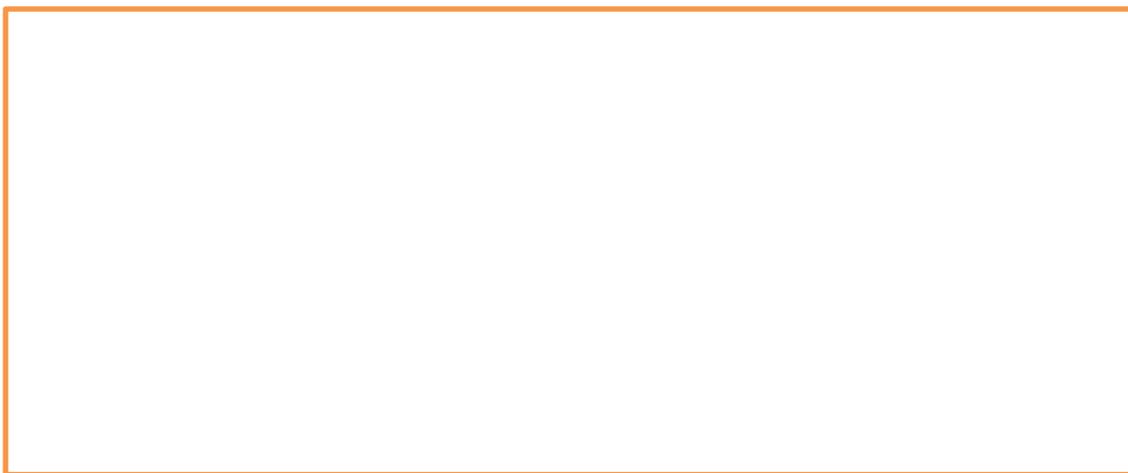


excessivos, uso de laxantes, etc). Ela coaduna com Helen Sinclair (Dianne Wiest), uma artista próxima da terceira idade que vê a si mesma de forma grandiosa e comporta-se com arrogância. Podemos ver também que há uma falta de empatia e uma insensibilidade em relação aos sentimentos dos outros com que trabalha, figurando um possível transtorno de personalidade narcisista.

- Todos dizem eu te amo – demência



- Zelig – transtorno de personalidade dependente



próprio diretor atua e em que ele não consegue esconder uma certa neurose que lhe é intrínseca.

Outras produções audiovisuais usam e abusam da psiquiatria em suas narrativas. Muito comumente, vemos estórias de serial-killers com psicopatas, embora não unicamente restritas a esse quadro, como podemos observar em “Instinto

¹¹ Problema de reconhecimento de objetos.

¹² Comédia romântica nervosa é um sub-gênero filmico que inclui um par romântico onde pelo menos um dos personagens aparenta ser muito ansioso ou psicologicamente perturbado, além de conter uma narrativa cheia de muito diálogo.

Secreto” (2007)¹³, já que existem outros quadros além do transtorno de personalidade anti-social que apresentam uma agressividade que pode às vezes ser fatal. Muitos filmes que ultimamente tratam sobre psicopatia ou demonstrações de agressividade relacionadas a um histórico de doença mental, a exemplo de “O Massacre da Serra Elétrica” (2003), “Halloween” (2007) e “White Rabbit”¹⁴ (2013) , buscam mostrar a estória precedente dos agressores retratados. Isto pode ser utilizado às vezes tanto para aclarar os motivos que fizeram o assassino agir de maneiras tão destrutivas no filme quanto para aumentar a sensação de suspense e medo que a análise dos motivos que “justificam” tais atos faz, pois dá credibilidade e veracidade aos personagens.

Isso se deve, segundo o professor de estudos de cinema Gilberto Perez, ao fato de que, quanto mais próximo da realidade for algo que amedronta, maior será a sensação de medo.(PEREZ, 2015). Por isso é vantagem valer-se de pessoas aparentemente normais nos filmes de suspense. Convivemos com elas diariamente, mas o que realmente sabemos de seus mundos interiores e de seus lados sombrios?

“Imitações nos anunciam suas simultâneas realidades e falsidades. Elas só podem nos afetar na medida em que sejam reais; nós devemos, logo, entrar na perspectiva do personagem. Por outro lado, elas só podem afetar-nos como imagens se estivermos cômnicos de suas irrealidades; essa distância permite separarmo-nos da situação de perigo do personagem. Se uma besta feroz avança sobre um personagem em um filme, nós no cinema não podemos propriamente apreciar o filme a menos que estejamos com um certo nível de medo. Caso contrário, se estivéssemos simplesmente com medo, nós deixaríamos os assentos e correríamos para as saídas. Nós podemos saborear o nosso medo somente na medida em que nossa experiência é simultaneamente real e irreal. Apesar de utilmente entendido como a divisão entre a perspectiva do personagem no drama e o da audiência, o dualismo inicial não é estável. Pena não é tão facilmente separável de medo, pois se não teméssemos em algum nível, não poderíamos ter pena da situação de alguém em perigo. Ficar

¹³ “Instinto Secreto” conta a trama de um pai de família que tem alucinações que o induzem a uma vida secreta, na qual ele mata pessoas aleatórias.

¹⁴ “White Rabbit” narra a vida de um rapaz esquizofrênico que sofre constantemente de bullying na escola em que estuda, e que decide, por fim, cometer um assassinato em massa.

preocupado com um perigo enfrentado por um personagem significa, em algum modo, sentir isso como um perigo.” (PEREZ, 2015)¹⁵

Isso é muito bem ilustrado no final do clássico filme de suspense “Psycho”, em que temos a descrição psicanalítica, dada por um psiquiatra, do funcionamento do quadro de Norman Bates (que, aliás, não sofre de psicopatia, mas sim de transtorno dissociativo de identidade [múltiplas personalidades]) :

“ DR. Fred Richmond: (...) Norman Bates não existe mais. Ele apenas meio-existia, pra começo de conversa. E agora, a outra metade está tomada.

Provavelmente por tempo integral.

Lila Crane: Ele matou minha irmã?

Dr. Fred Richmond: Sim, - e não.

(...)

Dr Fred Richmond: Como eu disse... a mãe... Agora, para entender isso do jeito que eu entendi, ouvindo da mãe... isso é, da metade-mãe da mente de Norman... você tem que voltar a dez anos atrás, na época que Norman Bates matou sua mãe e o amante dela. Agora, ele já era perigosamente perturbado, tem sido desde que seu pai morreu. Sua mãe era uma mulher superprotetora e exigente, e por anos os dois viveram como se não houvesse mais ninguém no mundo. Então, ela conheceu um homem... e para Norman parecia como se ela tivesse largado ele por esse homem. Agora, isso foi muito extremo pra ele e ele matou os dois. Matricídio é, provavelmente, o crime mais insuportável de todos... principalmente para o filho que o comete. Então, ele tinha que apagar o crime, pelo menos de sua própria mente. Ele roubou o cadáver dela. Um caixão com um peso falso foi enterrado. Ele escondeu o corpo na adega. Até tentou mantê-lo tão bem quanto poderia manter. Ainda assim, isso não foi o suficiente. Ela estava lá! Mas ela era um cadáver. Então ele começou a falar e a pensar por ela, dar-lhe metade de seu tempo, por assim dizer.

¹⁵ “Imitations announce to us their simultaneous reality and falsity. They can only affect us insofar as they are real; we must therefore enter into the perspective of the character. On the other hand they can only affect us as images if we are aware of their unreality; this distance allows us to separate ourselves from the plight of the character. If a ferocious beast leaps at a character in a movie, we in the theater cannot properly appreciate the film unless we are at some level afraid. On the other hand, were we simply afraid, we would leave our seats and run for the exits. We can savor our fear only insofar as our experience is simultaneously real and unreal. Although it is usefully understood as the split between the perspective of the character in the drama and that of the audience, this initial dualism is not stable. Pity is not so easily separable from fear, for if we did not fear on some level we could not pity the plight of one in danger. To be worried about the danger facing a character means in some sense to feel it as danger.”

Em alguns momentos, ele poderia ser as duas personalidades, manter conversações. Em outros, a metade-mãe dominava completamente. No entanto, ele nunca era totalmente Norman, mas ele era frequentemente só a mãe. E pelo fato dele ser tão patologicamente ciumento com ela, ele achava que ela sentia ciúmes dele. Por isso, se ele sentisse uma forte atração por qualquer outra mulher, o lado ‘mãe’ dele ficava enlouquecido.

[Aponta o dedo para Lila Crane]

Dr. Fred Richmond: Quando ele conheceu sua irmã, ele se sentiu tocado por ela... despertado por ela. Ele a queria. Isso libertou a ‘mãe ciumenta’ e ‘mãe matou a garota’! Depois do assassinato, Norman voltara como de um sono profundo. E como um bom filho, cobriu todos os resquícios de crime que ele acreditara sua mãe ter cometido!

Sam Loomis: Por que ele estava vestido daquela maneira?

Policia! Ele é um travesti!

Dr. Fred Richmond: Hum, não exatamente. Um homem que se veste de mulher na intenção de mudar de sexo, ou obter satisfação, é um travesti. Mas no caso de Norman, ele estava simplesmente fazendo tudo o possível para manter viva a ilusão de que sua mãe estava viva. E quando a realidade se aproximava demasiadamente, quando perigo ou desejo ameaçavam aquela ilusão – ele se vestia, mesmo com uma peruca barata que ele havia comprado. Ele andaria pela casa, sentaria em sua cadeira, falaria com a voz dela. Ele tentava ser sua mãe! E, hum... agora ele é.

[pausa]

Dr. Fred Richmond: Pois então, é isso que eu quis dizer quando disse que havia conseguido a estória de sua mãe. Veja bem, quando a mente abriga duas personalidades, há sempre um conflito, uma batalha. No caso de Norman, a batalha acabou... e a personalidade dominante venceu.”

Vemos, neste caso, que Joseph William Stefano (1922- 2006), roteirista que adaptou o livro que deu origem a esse filme do diretor Alfred Hitchcock, não só explicou sobre o transtorno dissociativo de Norman, mas também esclareceu em que

consiste o travestismo, outro problema psiquiátrico, da classe dos transtornos de sexualidade.

Não obstante, personagens perturbados nas estórias dão vazão à confusão nos espectadores, o que pode ser um recurso narrativo muito bom, se bem utilizado.

Em *Homeland* (2011), por exemplo, série americana sobre Carrie, uma agente do governo que tenta cassar criminosos terroristas, descobrimos desde o episódio piloto que a protagonista toma um remédio anti-psicótico. Ela diz que é devido a um transtorno de humor. De fato, os remédios anti-psicóticos às vezes são recomendados até para pacientes que apenas sofrem de depressão, por exemplo, devido a algumas propriedades que atuam bem em conjunto aos anti-depressivos. Porém, nem todos os espectadores sabem disso - alguns nem fazem idéia do que seja um transtorno de humor- logo eis que se abre um espaço para questionar a sanidade da personagem principal e tudo o que nos é apresentado por ela na estória.



Figura 5: imagem-capa da série americana Homeland

Também temos o caso da animação japonesa “Perfect Blue” (1997)¹⁶, cujos raccords – tão queridos do diretor Satoshi Kohn- ajudam a criar confusão, instabilidade e dificuldade de reconhecimento do que é real, compartilhada tanto pela protagonista enlouquecida quanto por nós espectadores.

¹⁶Perfect Blue conta a estória de uma cantora juvenil que decide ir para o mundo da televisão e do cinema, e, nesse percurso, acaba enlouquecendo, passando a ter visões de si mesma, que lhe ameaçam a própria vida.



Figura 6: A ilusão da protagonista Mima, em “Perfect Blue”, após sofrer um corte.

Com muito em comum, o filme “O mistério das duas irmãs”(2009) tem o objetivo de desenvolver uma linha de pensamento nos espectadores, que tentam resolver o mistério junto a Anna, personagem central da estória que acaba de voltar para casa depois de internada em um manicômio por tentativa de suicídio, depois da morte de sua mãe. Além de trabalhar temas sobrenaturais que nos fazem inclusive duvidar se se trata de um filme do gênero suspense ou horror, o filme explora, inicialmente, questões de lacuna de memórias causadas por um trauma (amnésia dissociativa). O que essa lacuna de memória guarda? A solução do mistério estaria ali? A descoberta desse evento reprimido pela mente pode revelar crimes ou resolver o quadro psiquiátrico da pobre jovem, como em “Marnie, confissões de uma ladra”(1964)¹⁷, de Hitchcock?

Ainda nesse filme, novamente entramos em dúvida sobre as descobertas que Anna faz em relação ao suposto assassinato de sua mãe, já que acreditamos que ela possa ser psicótica. Quando consegue reunir evidências do assassinato, colocando sua vida em risco, ela as apresenta para uma autoridade policial. Achamos que tudo vai ficar bem – e ficamos convencidos de que a Anna não apresenta um quadro psicótico. Porém,

¹⁷ “Marnie, confissões de uma ladra” mostra a estória de uma mulher que se emprega em empresas para então cometer furtos. Marnie possui aversão à cor vermelha e a tempestades, mas não sabe por quê. Quando é levada à casa de sua mãe por seu marido, Marnie lembra-se de um evento traumático que havia ficado apagado de sua memória durante anos, esclarecendo o motivo de suas fobias.

quando se achava que este seria um plot twist¹⁸, vemos que o policial não leva a sério suas descobertas, pois é sabido que a protagonista esteve internada em um manicômio. O filme acaba com a volta da memória que estava perdida e descobrimos que a “pobre menina” não é tão doce assim, sendo, na verdade, uma assassina fria. Eis aí a mudança do personagem de herói para sombra.

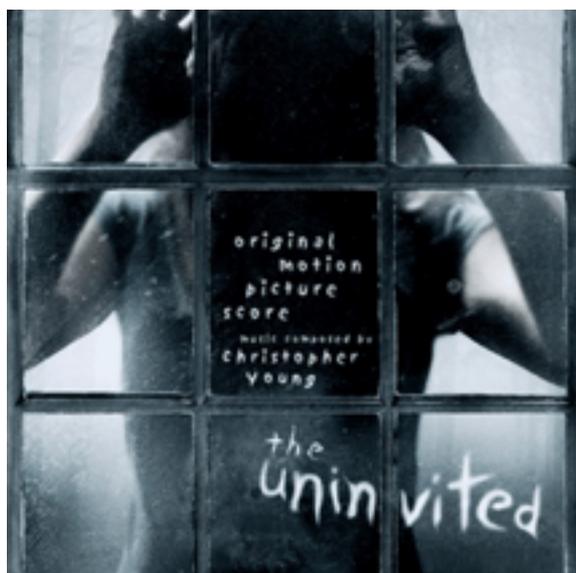


Figura 7: O mistérios das duas irmãs (The Uninvited)

Não obstante, podemos ver que é possível, num filme, fazer com que o único antagonista seja uma doença mental. Esse é o caso de “Uma Mente Brillhante” (2001) no qual os esquemas ilícitos do governo e suas conspirações preenchem mais da metade do longa-metragem, com seus personagens emblemáticos e perigosos para a vida do protagonista John Nash. Porém, depois descobrimos que as perseguições que ele sofre são apenas frutos de sua mente, quando ele é diagnosticado com esquizofrenia.

3.3. Gêneros e a Psiquiatria

Segundo Robert Mckee, (MCKEE,2006) existem quatro megagêneros de filmes: comédia, crime, drama social e ação/aventura.

Para ele, drama social consiste na exploração temática de uma mazela da sociedade e a estória tentando desenvolver uma cura ou solução. Um de seus

¹⁸ Momento de mudança nos filmes, em que há uma “virada” (twist) na linha de acontecimentos da estória.

subgêneros é o psicodrama¹⁹ que, como o nome indica, fala sobre a luta contra doenças mentais.

Não é somente no campo do terror que os transtornos mentais prosperam no cinema/ televisão. Na verdade, existem séries de comédias como “Monk” que tratam de patologias de uma maneira cômica. Para criar comicidade, é necessário que o assunto esteja relacionado ao nosso lado humano, que explore-se a mecanização da vida e haja um distanciamento emocional.

Pois bem, é isso o que acontece com o detetive Monk, na série que tem o seu nome. Seu t.o.c. (transtorno obsessivo compulsivo) remete a uma falha em seu comportamento, humanizando-o, desta maneira. Há um tanto de artificialidade nas compulsões (atos físicos que visam diminuir a ansiedade dos obsessivos-compulsivos) que fazem seu comportamento parecer ser um tanto “robótico”. Na série, esse problema também não é passível de causar pena, visto que nos distanciamos emocionalmente das angústias verdadeiras enfrentadas pelos portadores de t.o.c. e vemos apenas como suas manias atrapalham a vida dele de uma maneira um tanto superficial. A comédia também é a imitação dos maus costumes, mas não de todos os vícios, ela só imita a parte do deplorável que é ridículo. Como diz Aristóteles, em “A Poética”:

“2. O ridículo reside num defeito ou numa tara que não apresenta caráter doloso ou corruptor. Tal é, por exemplo, o caso da máscara cômica feia e disforme, que não é causa de sofrimento.” (ARISTÓTELES)

Segundo Aristóteles, esse gênero também está focado nos gestos e nas pequenas ações, ao contrário da tragédia grega, que enfoca nas grandes ações.

Outra característica do tipo cômico é a insociabilidade, que pode ser observada na série em questão na maneira como as manias do protagonista acabam por afastar Monk do convívio social e profissional normal. Temos uma receita para a comicidade.

¹⁹ Não confundir o psicodrama da dramaturgia com o da psicologia, sendo este último uma técnica terapêutica de dramatização em que o indivíduo entre em contato com suas emoções através da representação teatral.



Figura 8: Compulsão de ordem em “Monk”

Mckee inclusive afirma que a complexidade relativa dos personagens deve ser ajustada ao gênero fílmico. Por isso, colocar muita complexidade em personagens de produções audiovisuais de ação/aventura distrairia da centralidade de um filme cheio de movimento e também atrapalharia as piadas indispensáveis a esses gêneros. Já, para o drama, essas várias faces para os tipos que criamos são indispensáveis. Sandro Massarani ainda afirma que:

“ A evolução de um personagem de uma dimensão é o personagem bi-dimensional, que por possuir mais uma característica, geralmente contraditória, é um pouco mais complexo. Um personagem pode ser ao mesmo tempo bondoso e super controlador, ou um vilão maldoso e excelente pai de família, ou bonito mas extremamente tímido. Não há um desenvolvimento muito grande, mas personagens bi-dimensionais dão a ilusão de profundidade. Já os personagens de três dimensões são bem realistas, com várias contradições. Se você quer que o seu personagem principal tenha mais complexidade e seja mais realista, faça-o tri-dimensional. Os personagens terciários raramente possuem mais do que uma dimensão e inclusive alguns personagens secundários podem ter somente uma ou duas dimensões.”
(MASSARANI, 2015)

Isto não quer dizer que não se possa incluir transtornos mentais em personagens de filmes de Ação/ Aventura, só que, talvez, esses transtornos tenham que ser utilizados para criar comicidade ou para criarem personagens mais estereotipados. Nesses filmes é

que geralmente achamos muito facilmente os típicos psicopatas “do mal”, cujas ações ruins são muitas vezes exploradas também em produções infantis para servirem de lição de moral.

Conclusão

Existem autores que utilizam-se do recurso da caracterização na hora de criar seus personagens, embora outros dispensem-na quando criam suas estórias.

O manual de psiquiatria pode ser amplamente aproveitado na elaboração de produtos audiovisuais, criando filmes que causam desde risos a choros. Percebemos, também, que os transtornos que mais ajudam na caracterização estão entre os de personalidade. Deve-se saber como trabalhar cada personagem com transtorno psiquiátrico, ajustando sua complexidade ao gênero fílmico. Não devemos esquecer que quando valermos-nos dos transtornos para dar vida ao personagem, há de se ter em mente que mesmo que um determinado quadro caracterize uma pessoa de certa maneira e dê certos adjetivos a ela, ao longo da narração, em alguns tipos de filmes, vale a pena fazer com que os personagens tomem atitudes que venham de encontro a essas características. Isso para não criar retratos unidimensionais dos personagens, como uma folha de papel, em que a máscara pode ser muito bem desenhada, mas o personagem profundo é subdesenvolvido e sem expressão.

Por fim, é importante lembrar da importância que o cinema tem na perpetuação de estereótipos na hora de criarmos personagens mentalmente perturbados, pois vivemos em sociedade, e temos que fazer o possível para, através da verdade e do conhecimento, criarmos um mundo melhor.

Bibliografia

Arte Poética – Aristóteles; disponível em <file:///CI/site/livros_gratis/arte_poetica.htm (51 of 53) [3/9/2001]> Acesso em 12/12/2015.

COMPARATO, D., **Roteiro , Arte e técnica de escrever para cinema e televisão**, RJ, Editora Nórdica Ltda, 1983.

FIELD, Syd. **Como resolver problemas de roteiro**, tradução de Angela Alvarez Matheus. – RJ: Objetiva, 2002.

LANDEIRA, Fernandez, J. , **Cinema e Loucura/ J. Landeira-Fernandez. EllieCheniaux**– Porto Alegre: Artmed, 2010.

KAPLAN, Harold I. **Manual de psiquiatria clínica** / Harold I. Kaplan e Benjamin J. Sadock; trad. Dayse Batista – 2. Ed. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

MCKEE, Robert. **Story: Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. Tradução de Chico Marés. – Curitiba: Arte &Letra, 2006

PEREZ, G. **Towards the Rhetoric of Film : Identification and the Spectator**. Sense of Cinema, Chicago, Issue5, Abr. 2000. Disponível em <<http://sensesofcinema.com/2000/society-for-cinema-studies-conference-2000/rhetoric2/>> acesso em: 12 dez. 2015.

JÚNIOR, Rafael Alves Pinto Título, **A invenção da histeria**,v.16, n.3, p.819-822, jul.-set. 2009, disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16n3/18.pdf>>, acesso em 05/02/2016

SEGER, Linda. **Como criar personagens inesquecíveis**, tradução Marisa Lopes, Maria Silva Junqueira, SP, Bossa Nova, 2006.

ALVARENGA, Clarisse A. **Construindo Victoiria**, Editora Chiado, disponível em <<https://construindovictoria.wordpress.com/2013/03/04/as-caracteristicas-de-um-criminoso-segundo-cesare-lombroso/>>, acesso em 04/01/2016.

SHUTT, Diego, **Ficção em Tópicos**, Dicas e técnicas para escrever livros e roteiro para cinema e TV, disponível em <<http://ficcao.emtopicos.com/criar-personagem/>> .Acesso em: 14 dez. 2015.

MASSARINI, S., **Além do Cotidiano - tópicos sobre narrativa, roteiros e mundos virtuais**, disponível em <<http://www.massarani.com.br/rot-criar-personagens-roteiro-cinema.html>>. acesso em 15 dez. 2015

MIRANDA, A.B.S., **Psicologado Uma compreensão sobre o psicodrama.** , dez 2013, disponível em <<https://psicologado.com/abordagens/psicodrama/uma-compreensao-sobre-o-psicodrama>>. acesso em 01/02/2016.

AMARANTE, P. **Rumo ao fim dos manicômios**, *Mente e Cérebro*, edição 164 – Set. 2006, disponível em <http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/rumo_ao_fim_dos_manicomios_4.html>, acesso em 02/01/2016

JACOBY, D. **Psychological Assessment of Jasmine from the movie “Blue Jasmine”**, <http://www.academia.edu/13520169/Psychological_Assessment_of_Jasmine_in_the_Movie_Blue_Jasmine>acessoem 28/02/2016